

UNIDADE E DIVERSIDADE EM FERNÃO DE OLIVEIRA

Ronaldo Batista
CEDOCH-DL/ USP- CAPES

E assim como a nossa lingua faz tudo quanto essoutras, com mais brevidade e facilidade e dareza, assim também é mais de louvar sua perfeição. (Oliveira 1975[1536]: 120)



Pesquisa de imagem do séc. XVI de Ronaldo Batista. Montagem: Hayashi Design. CEDOCH-DL/ USP

As reflexões gramaticais do português Fernão de Oliveira (1507–1580/81), publicadas em 1536 como a *Grammatica da Linguagem Portuguesa*, ocupam na historiografia lingüística o lugar da primeira experiência de sistematização da língua portuguesa que, no século XVI, atingia o status de variante nacional européia. Nesse sentido, Oliveira foi apontado como um dos grandes nomes da tradição lingüística portuguesa, já que essa época, na Europa ocidental, caracterizou-se pela renovação dos estudos sobre as línguas vernaculares, as quais ascenderam como objetos legítimos de descrição gramatical.

O texto de Oliveira (1536) exemplifica as duas atitudes aparentemente contraditórias que se imprimiram à diversidade lingüística nesse momento de reorganização do mundo europeu. De um lado, tratava-se de afirmar o Português como variedade nacional autônoma, tanto em relação ao Latim, quanto em relação às outras variedades neolatinas, principalmente o Castelhana; de outro, tratava-se de afirmar a representatividade interna da variante do Português que considerou a ‘perfeita’.

Assim, para marcar a especificidade do Português, do ponto de vista lingüístico, em relação a variedades que lhe eram próximas de alguma maneira, tanto geográfica quanto historicamente, o gramático ressaltou as diferenças do Português face a outras línguas, quanto aos pontos de articulação dos sons e ao ritmo da fala.

(...) e nós com os Castelhanos, que somos mais vizinhos, concorreremos muitas vezes em umas mesmas vozes e letras e contudo não tanto que não fique alguma particularidade a cada um por si uma só voz e com as mesmas letras e a nós e aos Castelhanos guerra e papel. E no pronunciar quem não sentirá a diferença que temos porque eles escondem-se e nós abrimos mais a boca? (Oliveira 1975[1536]: 48)

Desta maneira, valendo-se da associação de aspectos lingüísticos (pontos de articulação e ritmos da fala) a variáveis como “as condições de céu e terra” (referindo-se à região e ao clima), a anatomia do aparelho fonador (“*fição como dentes grandes ou desviados*”), a índole dos falantes (“*com grande repouso como homens assentados*”), Oliveira marcou a superioridade do Português frente a outras línguas, tanto as clássicas, quanto as européias em formação.

Ao mesmo tempo, para assegurar a representatividade da variedade que codificava, Oliveira apontou, embora não as tivesse tomado como objeto preferencial, as particularidades dialetais e socioletais de pronúncia e/ou de vocabulário que observou no uso da língua. Ao se referir, por exemplo, a possibilidades de realização sonora da forma verbal *sou*, Oliveira expôs as variantes *som*, *sou*, *sã*, e *sa*, caracterizando esta última, a pronúncia da Beira, como a mais adequada (cf. p. 121).

A diferenciação regional não foi, entretanto, o único fator levado em conta por Oliveira ao selecionar os dados da sua gramática. O trecho a seguir ilustra sua sensibilidade também em relação às variedades diacrônica e diastrática:

(...) e esta particularidade ou se faz entre ofícios e tratos, como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros (...) Ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras, e os homens da Estremadura são diferentes dos de Entre Douro e Minho, porque, assim como os tempos, assim também as terras criam as diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme, com o que mais sabe, também suas falas são de peso, e as do mancebo, mais leves. (Oliveira 1975[1536]: 98)

O critério de seleção da variedade de prestígio, o “*bom costume da língua*”, foi o referendado pelo uso das pessoas mais cultas, mais velhas e mais assentadas, “*os que mais leram, viram e viveram*” (p.99).

Mesmo tendo registrado exemplos de variação intralingua, com clareza e consciência de ocorrências, é preciso enfatizar que Oliveira sistematizou uma variedade lingüística, da qual a diversidade regional e social seriam elementos integrantes, ainda que indesejáveis, da unidade da língua portuguesa. Já em relação à diversidade interlínguas, as especificidades do Português em relação às outras variedades nacionais européias revestiram-se de conotações diferentes. O gramático enfatizou as peculiaridades e a autonomia do Português em relação a outros idiomas, antecipando as complexas relações que se desenvolveriam, nesta tradição, entre ‘universalidade’ e ‘particularidade’ de usos lingüísticos, entre regras gramaticais e exceções.